

Lo Mejor del Fitz – parte II
Relato da temporada Marumbina na Patagônia 2012, por NativO!



Durante escalada da Guillaumet

Com o pensamento fixo em concluir o que havia iniciado com Bonga (Marcelo Santos) em 2008, que era escalar o Cerro Fitz Roy pelo pilar norte, saímos da base Anhangava dia 16 de janeiro, com alguns desvios de pensamento. Não conseguindo alinhar nossas datas, Bonga e Irvan já estavam em Chalten. Como tínhamos o compromisso com o curso de deslocamento em glaciário e escalada em gelo no Cerro Tronador, no início de fevereiro, passamos antes por Bariloche. Nossa estratégia de viagem foi de ônibus (eu e Simone) a Maringá e dali pela Cruzero del Norte, com o mesmo ônibus que vinha o camarada Tiaraju que vinha do vale do Paraíba. Após uma escala de conexão em Buenos Aires, compra de livros, mate na praça, tentativa de assalto com o velho golpe de jogar creme na mochila, mas não foi desta vez, já estávamos espertos. Dia seguinte, chegamos a Bariloche. Tato (Eduardo Lopez) prontamente nos buscou na rodoviária, com o auto lotado, fomos nos inteirando da vida em Bariloche. Paramos comprar o cartão de passagens e colocar créditos para nossos próximos deslocamentos com o ônibus urbano.



Aproximação do Pilar

Muitos mates, para colocar os assuntos em dia com os amigos, compramos mantimentos, arrumamos as mochilas e subimos a Catedral para 10 dias. As cinzas marcavam sua passagem, mas não prejudicavam as escaladas, subimos várias agulhas pensando que tudo era treino. Simone se esforçou para acompanhar, subia uma agulha e fotografava noutra.



Bivaque no meio da parede

Deixávamos a mochila na base da próxima, descíamos e subíamos leves. Belo dia, Tiaraju deu um descanso e escalei só com Simone, uma via qualquer...apenas escalar...chamamos de: Do diedro, direta, transversal, no Abuelo, cume, lanche, desfrute, rapelar e destrepar ao por do sol.



Chiquinho, Fabinho, Erminio e Nativo

Com as novas normativas que circulam a laguna Toncek, de não acampar no entorno da laguna e a indicação de acampar somente ao lado do refúgio, como não gostamos de festa e estávamos ali para desfrutar o ambiente de montanha, decidimos como sempre fizemos praticar o mínimo impacto, com a sensação de comunhão com a natureza e paz no espírito. Para nós que viemos de 3.300 km ao norte, as Montanhas de Bariloche, representa o início da Patagônia, onde sempre que podemos vamos a engrossar as costas das mãos, amolecer os fissureiros e afiar o ânimo. Durante muitas temporadas, estivemos neste mesmo platô, com nosso boulder, nossas árvores, nossa água e nossas montanhas. De vez em quando passavam ou voltam alguns escaladores das imediações, alguns amigos, outros conhecidos.



Detalhe do pilar norte do Fitz

Deixamos nossos equipamentos no vale da Campanile, planejando uma mudança, justo neste dia um nobre escalador de Buenos Aires, se apresentou como assíduo freqüentador há décadas, desculpas não lembro seu nome, acho que era Rolando Rochas? Perguntou se sabíamos que não era permitido acampar e que haviam assumido um compromisso enquanto escaladores de acampar nas imediações do refúgio e não acampar mais no bosque ao lado da laguna, disse que ali não era correto.



Diedros

Perguntamos, onde é correto? Todos aglomerados ao lado do refúgio, com o banheiro e cozinha sobre carregados? Concordou que nada era correto, mas que aguardavam um posicionamento da gerência do parque nacional. Enquanto este posicionamento não vem, decidiram acampar todos ao lado do refúgio.

Agradecemos a camaradagem e compreensão e dissemos que já estávamos de saída. Assim fizemos, mas como também havia nos dito que éramos o assunto do refúgio, pois todos queriam estar onde estávamos, deixamos uma contribuição com o local onde não se pode mais acampar. Desmontamos todas as estruturas e intervenções que já estavam e realizamos contenções de erosão nas trilhas e áreas abertas das imediações do acampamento.



Visual do pilar

Mudamos ao vale da Campanile, bom ver o bosque novamente, relembrar das temporadas passadas, banho de rio, lavar roupa (com mínimo impacto) e dia de descanso. Noutro dia amanheceu chovendo, choveram por 03 dias, sendo 02 sem parar, no quarto dia, pudemos subir com a temperatura ainda baixando, o vento aumentando e nossos equipamentos todos molhados. Pensamos tudo é treino, veio o primeiro aprendizado da viagem, guardar melhor os equipamentos.

Na base do Cohete Lunar, o vento dava tréguas, mas voltava, de vez em quando nevava, decidimos descer, pois seria o último dia. Ainda bem, chegando à casa do Tato, descobrimos que só teríamos o dia seguinte para tentar tirar do correio, a sapatilha invernal do Tiaraju, que já vinha numa longa viagem desde Espanha.



Pilar entre nuvens

Nestes dias de internet, soubemos da boa notícia, que Bonga e Irvan haviam subido ao cume do Fitz Roy pelo pilar. Aumentaram à responsabilidade e as chances, os amigos já haviam aberto o caminho nesta temporada.



Mar de nuvens

Sapatilha em mãos, mais algumas comidas, separar equipamentos, reunião do curso e a tristeza da separação, Simone ficaria uns dias a mais em Bariloche e depois visitaria a família no norte do Paraná. Eu e Tiaraju pegamos outro ônibus a Chalten, na madrugada do dia 03 de

Fevereiro, durante a longa viagem, lembrei que nesta data faziam 14 anos da tragédia da face sul do Aconcágua, onde ficaram os 03 amigos, Alexandre, Othon e Mozart. Lembrei que havia ficado com o compromisso de escalar pelos 03 e que estava me esforçando, decidi então dedicar os cumes desta temporada aos amigos que ficaram pelas montanhas.



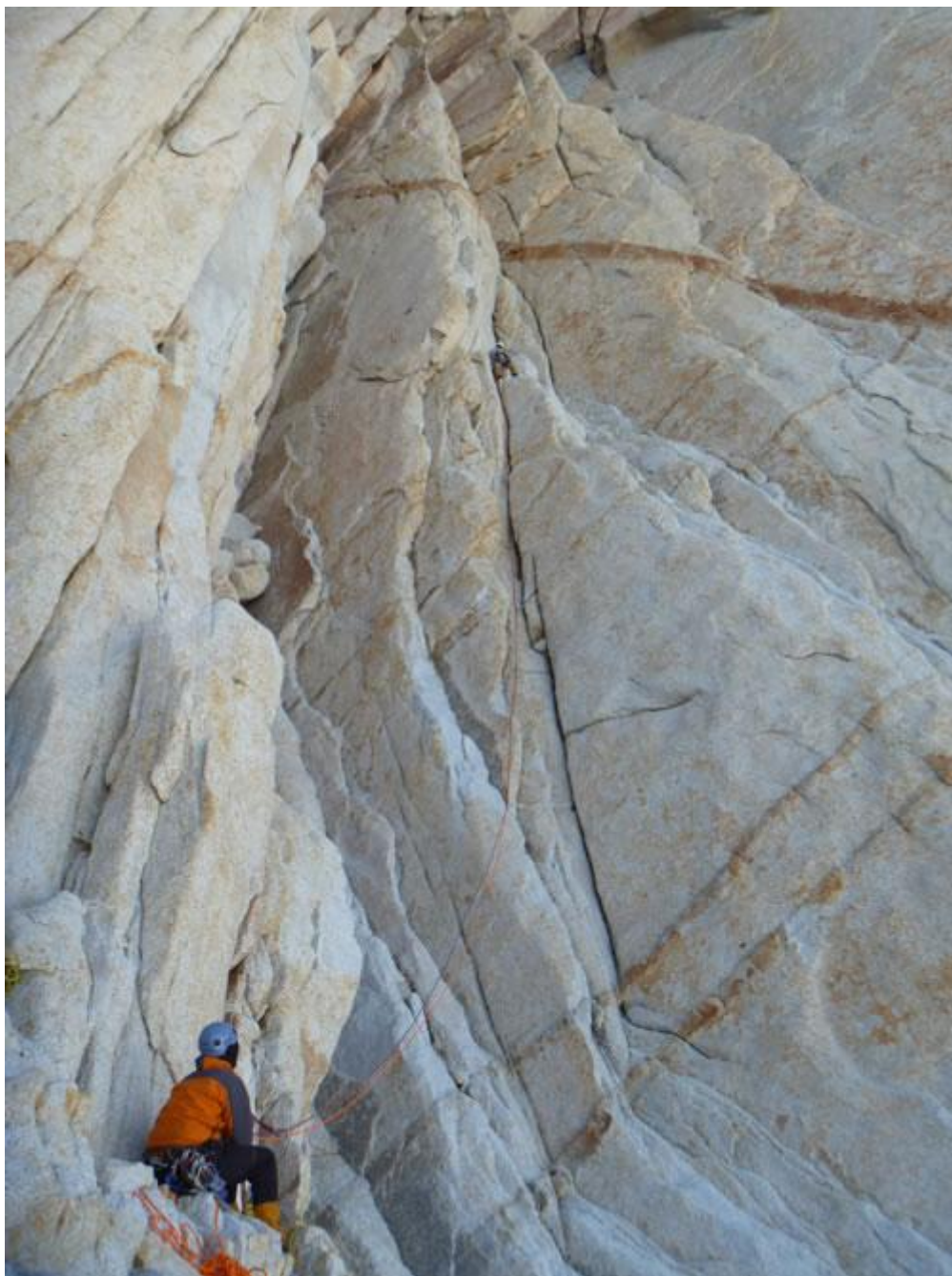
Pilar visto do Fitz

Chegamos em Chalten, ainda pairava a polêmica da retirada dos grampos da via do Maestri no Cerro Torre. Na minha opinião, problema é que demoraram para retirar, como o próprio Maestri já havia iniciado a retirada, faltou concluir. Com a questão ética de que se o aberturista não vai lá retirar, somente quem repete a via sem utilizar os grampos poderia fazer. Foi o que acabou acontecendo, ainda falta retirar o compressor, que ainda está na parede, e mais algumas bugigangas que foram atiradas montanha abaixo, por outras expedições e estão no glaciar. Só assim esta bela montanha vai ficar ainda mais limpa e linda.



Parede do Fitz

Polêmicas a parte, chovia e como não existe mais acampamento livre na vila, nossa estratégia era ficar o mínimo possível na civilização e o máximo de tempo nas montanhas, nem que fosse desfrutando o bosque. Nosso tempo era curto, dispúnhamos somente de 30 dias.



Tocando pra cima

Sáimos da base com o pensamento fixo de retornar ao Pilar, mas pelo nosso desempenho em Catedral, decidimos que escalaríamos algumas agulhas menores para conhecer e desfrutar, portear equipos (transportar equipamentos) e daí pensar se entraríamos em algo mais comprometido. Devido à aproximação por glaciár, pensamos em convidar mais um companheiro, sabíamos que vários amigos estavam por Chalten.



Guillaumet, Mermoz e Valdibois

Após uns mates, descobrimos que haviam várias cordadas já formadas. Algumas sabiam o que queriam como Chiquinho Hartman, Erminio Gianatti e Valentin Barnei, influenciados por Bonga e Irivan, pelo sucesso na última janela de janeiro, planejavam entrar no Pilar, mas como havia mais 04 equipes de gringos com a mesma ideia, tinham como plano B, entrar no Fitz pela Teueltche. Daniel Arouche e Eduardo de SC, Fabinho Borges PR, Wagner e Francine MG, Caio RS, Érico RS, Káka MG, Tomy e Flora PR, Michele RS e Eslovaco, Julio e Caroline CE, cada um com seus planos e suas cordadas formadas. Descobrimos que o único mais ou menos livre era Luisi de Peters, Gaúcho emprestado ao Paraná. Como as previsões das próximas janelas de tempo bom, eram de 01 ou 02 dias, e nosso desejo era fazer alguma clássica nas faces lestes e isso implicaria em transito em glaciário, decidimos fazer uma tentativa na via Buscaine na face leste da Agulha SantExupery.



Faces oeste cordon do Fitz

Como seria mais seguro entrar no glaciér em 03, convidamos o Luisi para se juntar à nossa cordada. Convite aceito, planejamos a empreita, arrumamos as mochilas e subimos para o acampamento Rio Blanco com parte do peso, para aguardar a próxima janela. Dia seguinte chegou Luisi com a notícia que a previsão de janela havia mudado e que seria de poucas horas. Nestes dias de espera nevou um bocadinho, ficando brancas todas as agulhas. Enjoamos de esperar e decidimos mudar nosso acampamento ao outro vale e já direcionar os esforços para as paredes da face oeste.



Fabinho tocando pra cima

No último dia de Rio Blanco, subimos até a laguna de Los Três, para apreciar a paisagem exuberante da laguna e as faces leste do cordão do Fitz Roy. Após o meio dia veio à janela, que foi de meio expediente. Desfrutamos da paisagem, do céu azul e do sol.



Guillaumet

Descemos a Chalten, buscar mais comida e saber das previsões, pelo menos mais uma semana de tempo ruim. Voltamos a Rio Blanco e dali descemos pelo vale do Rio Blanco, após uma busca pelo melhor local para atravessar o Rio Piedras Blancas, seguimos a descida e bivacamos no bosque próximo ao Rio Elétrico. Noutro dia retornamos a Chalten para buscar mais alimento e parte dos equipamentos, neste dia dormimos no Camping. Dia seguinte voltamos pro bosque, dia seguinte chegou o Luisi e portamos nossos equipamentos ao acampamento Piedras Negras. Agüentamos bivacados por lá uma noite de tempo ruim, como não demonstrava melhoras, deixamos um depósito e voltamos ao bosque.

Mais alguns dias, que me perdi nas contas, voltamos a Chalten e veio à previsão de uma janela de 02 dias de tempo bom, 01 ou 02 dias de tempo ruim e mais 04 ou 05 de bom tempo. IEBA era disso que precisávamos. Ajuste fino nas mochilas, voltamos ao bosque e subimos a Piedras Negras, mas não estávamos sós. Com exceção de algumas poucas cordadas que foram

ao vale do Torre, parece que todos os escaladores que estavam em Chalten, decidiram vir a Piedras Negras, alguns que surgiram sei lá de onde, botavam em barracas escondidas em muros de pedras. Conclusão: ao chegar não encontramos nenhuma área de acampamento livre, escolhemos uma próxima do acesso à agulha Guillaumet, com planos de entrar na clássica via do Fonrouge e Comensaña.

Descobrimos nosso depósito, carregamos tudo ao novo platô, logo acima de todos, na saída do neveiro. Preparamos uma boa base, aplainamos, montamos um muro, nos instalamos com a espaçosa barraca do Luisi. Nos alimentamos, hidratamos, rimos da vida e dormimos com as mochilas prontas. Despertador às 04 para sair às 4h30. Ao sair da barraca visualizamos várias lanternas em direção às paredes. Apuramos o café para pegar nossa vez na fila. Chegamos na base da rampa do início da via ao amanhecer, crampons nos pés e piquetas à mão, subimos até a base da parede. Enquanto nos preparávamos, passou um guia com sua cliente. Assumi a primeira enfiada e decidimos que cada um guiaria 03. Ao chegar próximo à primeira parada, havia outra dupla na nossa frente. Respeitamos e paramos mais abaixo, depois nos arrependemos, pois mesmo estando em 03, esta dupla era mais lenta.

Seguimos subindo e encostávamos em outras cordadas, ao chegar no crux, esperamos por cerca de meia hora, nisso outras cordadas também encostaram a via virou uma grande fila. Com paciência íamos nos revezando e escalando, passando por outras cordadas e cruzando por outras que já vinham descendo. Chegamos ao cume por volta das 15 horas, cumprimentos, fotos, contemplação e descemos. Mais fila no rapel, ao chegar à base da parede, onde estavam depositados nossas botas e crampons, escureceu. Com lanternas postas rapelamos em bicos de pedras, pela lateral da rampa de neve.

Chegamos na nossa barraca por volta das 22 horas, foram 18 horas de empreita, dormimos satisfeitos. Dia seguinte o tempo já mostrava sinais de mal tempo e a maioria resolveu descer a Chalten, inclusive meus companheiros Luisi e Tiaraju, que já estavam de certa forma satisfeitos pelo cume em sua primeira temporada em Chalten. Como me sentia bem, ainda tinha comida e vontade de sobra para tentar o que já havia começado, conversei com Chiquinho, Erminio e Fabinho, Valentin voltou pra Córdoba, o trio araucano novamente pensava no plano A, que era entrar no Pilar pela via Mate, Porro e Todo lo de Mas. Como eu já conhecia a via, não precisei insistir muito para que me aceitassem na equipe. Aceita a proposta já deu aquele frio gostoso no estômago, com a sensação de que se o tempo colabora-se, algo escalaríamos.

Fabinho que não consegue ficar parado resolveu ir a Chalten, aproveitamos para fazer encomendas de mais guloseimas e mais alguns equipamentos.

Passamos um dia hidratando e alimentando, planejando a estratégia da escalada, padronizando os nós, os procedimentos e desejando pelo menos 03 dias de bom tempo. Dia seguinte o tempo já mostrou sinais de melhoras, já estávamos prontos para subir, só faltava o Fabinho, que chegou perto do meio dia. Enquanto Fabinho se recompunha da caminhada, se alimentava, praticava os nós que havíamos decidido utilizar. O blocante Belonesi que seria utilizado para regular os pedais dos ascensores e o balso pelo seio, que seria utilizado para fixar a corda, batizado carinhosamente como nó de Tatu, pois havia aprendido uma nova maneira rápida de fazer, pelo meio da corda, com os espeleólogos.

Mochilas prontas, nós revistos, partimos em direção ao passo do Quadrado, cruzando para o lado oeste do cerro. Nesta parte do acesso, caminhamos juntos com uma equipe de ermanos Argentinos, 02 homens e 02 mulheres que por sorte elegeram outra via a Afanacief. Na entrada do pilar, nos despedimos, desejando boa escalada. Após procurar o bivaque, que Bonga e Irivan haviam utilizado, onde disseram que haviam deixado depositada a comida que havia sobrado. Não encontramos o depósito, como ainda havia bastante luz, decidimos subir a rampa inicial de acesso ao pilar e bivacar na base de uma pequena agulha no meio da rampa, batizada de Dedo.

O local dentro das possibilidades era ótimo, corria um pouco de água, com uma pequena mão de obra de terraplanagem tínhamos um local plano, a paisagem era excepcional e não ventava. Bebemos, comemos e dormimos muito bem, quase não ventou. Dia seguinte despertamos cedo, decidimos deixar mais uma mochila e parte de peso em comida e subimos até a base da parede. Onde já dava para sair escalando, depositamos nossas botas, crampons e piquetas sobrantes, subimos com 01 par de crampom, 01 piqueta de martelo e uma de pá, as mais leves.

Nossa estratégia era o guia escalar com duas cordas finas, o segundo escalava quando era fácil e jumareava numa das cordas quando dificultava. O segundo fixava uma corda gorda e o terceiro e quarto jumareavam. Assim iniciamos nossa escalada, com o Chiquinho na ponta, foram 07 enfiadas. Na sexta jumareada o Fabinho já entrou de Sapata e daí saiu guiando. Ponteou mais 07 enfiadas meio que no mesmo ritmo e chegamos com luz à terraça grande. Erminio chegou assustado, acabara de cair uma pedra em seu ombro, que dificultou a subida e quase não causa um acidente mais sério. Na terraça, havia sinais de pernoites, ajeitamos mais umas pedras e nos instalamos. Por sorte tinha algo de neve, nos hidratamos, comemos, reidratamos, apreciamos a paisagem, nem ventava, desfrute total, pôr do sol magnífico.

Dia seguinte, conseguimos despertar cedo, hidratação, preparação. Como Fabinho e Chiquinho deram uma gastada nos dedos, assumi a ponta. Este trecho já conhecia, mas confesso que procurei passagens que não encontrei e passei por lugares que não procurei. Não foi fácil, após 06 enfiadas, ficou mais tombado, o Chiquinho vinha querendo morder o calcanhar lhe ofereci a ponta da corda, que prontamente foi aceita e saiu Chiquinho por mais duas enfiadas até o cume do pilar Goretta.

Pelo aspecto gelado, deu a impressão que o platô da Robertinha, onde dormimos em 2008, estava cheio de gelo. Havia uma boa terraça construída no meio do pilar, pouco antes do ponto de rapel. Nos instalamos, curtimos o belo visual, muitas lembranças da última estada no pilar e a sensação de que era só fazer tudo certo que nada daria errado. Nos hidratamos, nos alimentamos, cada um contava das experiências e sensações que havíamos passado, nesses quase 900 metros de escalada, 22 cordas. Rimos a beça!

Dormimos com os equipos meio que separados e com o combinado de que Fabinho assumiria a ponta das enfiadas de rocha, com Chiquinho na segurança e quando precisa-se, eu estaria com crampom e piquetas a postos. Rapelamos do pilar, deixamos nossas mochilas no cume do pilar e a corda gorda instalada. Subindo o Bichão, foram as 04 cordadas mais lindas da via, pura verticalidade e desfrute total, corda de cima e sem mochila. Enquanto esperávamos e admirávamos a evolução do Fabinho, apreciávamos a paisagem e duas duplas que chegavam no cume do pilar pela mesma via que subimos. Como não ventava, tivemos o privilégio de nos comunicarmos com eles e oferecer nossa corda já instalada para que rapelassem. Depois descobrimos que era uma dupla de americanos e outra de japoneses.

Assim que diminui a verticalidade e tombou, começou o gelo e neve, assumi a ponta, por mais 03 enfiadas, até chegar num platô onde já dava para sair andando e se percebe que não tinha mais muito o que subir. Subiram todos, me desencilhei dos crampons e subi trepando pedras, em direção onde parecia ser o cume, estavam todos um pouco mais a frente, num segundo cume. Notei que havia mais 02, ao chegar vi que eram as duas mulheres que acompanhamos pelo acesso e haviam chegado a pouco vindo pela Afanacief.

Eram 16h30 do dia 23 de fevereiro, estávamos no tão desejado cume do Fitz Roy, comemorações, abraços, fotos, filminhos, kihús e surucucus. Fazia 17 anos que havia tentado escalar esta montanha pela primeira vez, percebi que agora estava preparado. Lembrei dos amigos vivos, silenciosamente saudei os amigos que se foram, mantinha o compromisso de escalar pelos que ficaram na montanha, agradecia por estar ali, sonho sendo realizado.

Passada a emoção inicial de cume, nos apresentamos e soubemos que eram Cíntia Hormiga Pervicati e Luciana Tersio. E estavam apreensivas pela descida, pois ventava um pouco do sul e provavelmente, pegariam noite na brecha. Nos perguntaram se poderiam nos acompanhar pela descida do pilar, pois seus outros 02 amigos já estavam bem à frente. Claro que aceitamos e ficamos honrados com a companhia, apesar da bela paisagem, apuramos para descer, pois demoraríamos um pouco mais.

Após 07 rapéis cheios, cruzamos pelos americanos e japoneses, chegamos ao colo que une o Fitz ao Pilar. Subimos pela corda gorda que havia ficado instalada, retornamos com luz ao pilar. Todos se acomodaram nos hidratamos, nos alimentamos, apreciamos o belo mar de nuvens e tivemos uma aula de Luciana, que sabia os nomes de todos os cumes da paisagem. Lembrei que no dia 23 de fevereiro de 2008, exatamente 04 anos antes, estava dormindo ali no cume do pilar com Bonga. Me perguntei, por que demoramos tanto para voltar.

O dia amanheceu exuberante, o mar de nuvens tinha se tornado um oceano de nuvens e não ventava perfeito para o rapel, dava até vontade de escalar de novo. Lanchamos calmamente, nos hidratamos, fomos elogiados pelas novas amigas pela organização com as cordas. Fazendo jus ao elogio, não deixamos por menos. Como conhecia a via, fui primeiro. Acabei errando logo de início (que vergonha), logo corrigi. Desci levando outra corda, Ermínio vinha testando as ancoragens e trazendo mais uma corda, quando ele chegava já íamos instalando o próximo rapel, nisso chegava umas das amigas com mais cordas e seguíamos na mesma seqüência. Chiquinho e Fabinho vinham recuperando as cordas, com as sapatilhas postas e um jogo de peças, prontos para subir, querendo escalar para desenroscar a corda. Assim descemos sem parar, até o bloco entalado, na base da via do Casaroto. Quando Chiquinho chegou, foi logo botando pressão. Por que parou, parou por que... Calma Chiquim, vamos apreciar a paisagem antes de descer o grotão.

Apreciado, seguimos rapelando, mais 05, ou 06 rapéis, chegamos em nosso depósito de botas na base da via. Só mais um rapel e estávamos na rampa. A descida até o depósito do Dedo foi tranqüila. Aproveitamos que tinha excesso de peso, lanchamos, nos hidratamos e seguimos descendo. Sei lá o que aconteceu, sei que foi uma correria de volta, ainda bem, pois chegamos com luz a Piedras Negras. Desembrulhamos nossas coisas, comemos algo, escureceu. Seguiam todos com pressa, tomei mais um gole, comi mais um pedaço, agreguei mais alguma carga na mochila e da-lhe seguir as luzes.

Acabamos nos dividindo, Chiquinho e Fabinho que estavam com mais pressa foram na frente e fiquei junto com Erminio vindo com mais calma e desfrutando da escuridão do bosque.

Chegamos na estada, na ponte do Rio Elétrico passado da meia noite, as caronas já estavam todas armadas, só que não tinha lugar para nós. Chiquinho ia acordar o Luisi e pedir uma carona. Pés para cima, após um tempo chegaram nossos amigos.

Após um longo banho quente no Camping do Gaúcho (Cláudio), comemos algo para não perder o costume, soubemos das aventuras dos demais amigos pelos outros cumes e dormimos felizes da vida.

Realizar este sonho de escalar 02 cumes lindos e voltar para casa melhor do que fomos é realmente inédito, na minha trajetória de Patagônia. Foi à primeira vez, desde 1995 que a escalada na Patagônia foi puro desfrute, viajei cansado da trabalhadeira do ano, com um mau jeito no ombro. Voltei com o corpo mais forte e o ombro resolvido.

Táticas empregada para subir rápido: Menos é mais, na dúvida toca pra cima e se ficar difícil sobe os pés. O primeiro sobe com mochila leve, fixa a corda; o segundo "jumareia" com a mochila pesada.

Agradecimentos: aos parceiros de cordada; aos apoios da Solo nas roupas que nos mantiveram quentes; à Alto Estilo pelas mochilas, mochilicas e mochilões; à Vento pelas botas que nos levaram e trouxeram; a Quatro ventos que protegeram nossas mãos; ao Makoto pelos aconselhamentos; à Ecotrip por nos manter seguros; à Cordoaria São Leopoldo por nos dar cordas no que fazemos; aos Bonier pelos equipos e dicas; à Campo Base pela camaradagem e caronas. À Marumby pelo patrocínio integral das minhas despesas.